

Além da ilha de edição: uma proposta de estudo da recepção por assentados do MST¹

Júlia Mello Schnorr²
Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

Resumo

Este trabalho relata os objetivos e problemáticas do estágio inicial da nossa pesquisa. Partimos do interesse em investigar a recepção de audiovisuais em assentados do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, buscando refletir a classe social e identidade de classe nos estudos de recepção. Nossa pesquisa fundamenta-se nos Estudos Culturais, na aproximação com a *Nouvelle Histoire*, na metodologia qualitativa da etnografia e na leitura do estudo de campo.

Palavras-chave: Estudos culturais; classe social; MST; etnografia; audiovisual.

Introdução

Atualmente os Estudos Culturais estão presentes em diversos cursos e universidades. Discutem-se suas particularidades em encontros acadêmicos e os Estudos Culturais exercem influência nas disciplinas do campo das Humanas e das Sociais, como Sociologia, Estudos da Mídia e História.

Neste artigo, faremos um breve histórico dos Estudos Culturais, apresentaremos suas referências atuais na América Latina, trabalharemos com a transdisciplinaridade proposta por ele, em especial da *Nouvelle Histoire* e História do Tempo Presente, focando a abordagem na análise das classes sociais. Utilizaremos conceitos dos Estudos Culturais para propor uma investigação de recepção que tem como método a etnografia.

Estudos Culturais

Foi ao buscar a crítica ao marxismo ortodoxo, onde os estudos focavam a análise da infraestrutura, relegando a cultura como um simples reflexo econômico das sociedades³, que surgiram autores, estudiosos da cultura popular e do cotidiano no pós-

¹ Trabalho apresentado no IJ 08 - Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2011.

² Formada em História (UFSM), graduanda em Jornalismo (UFSM) e mestranda do curso de Comunicação Midiática (UFSM). E-mail: juliaschnorr@gmail.com

³ Johnson afirma que uma das problemáticas centrais da análise da cultura a partir da produção é a do reducionismo econômico. Ele combate esse limite ao dizer que "as condições de produção incluem não apenas os meios materiais de produção e a organização capitalista do trabalho, mas um estoque de elementos culturais já existentes, extraídos do reservatório da cultura vivida ou dos campos já públicos de discurso" (JOHNSON, 2005, p.56)



Segunda Guerra Mundial, como Hoggart e Williams. No campo da História também houve modificações, especialmente com a ascensão da História Social, através do trabalho de Thompson, onde problematizações contemporâneas aproximaram a historicização dos aspectos mais atuais. Dava-se o primeiro passo para a História relativizar o conceito de tempo histórico e trabalhar com questões do passado próximo.

Com início na Inglaterra do final da década de 1950, o campo dos Estudos Culturais se caracteriza por sua amplitude teórica. Ele está ligado ao *Centre for Contemporary Cultural Studies* – CCCS – fundado em 1964, na Universidade de Birmingham. Inicialmente, um dos grandes teóricos a utilizar os Estudos Culturais foi o jamaicano Stuart Hall (2006). Ele busca focar a questão paradigmática da teoria cultural, pensando de forma não reducionista e complexificando a relação do simbólico e do social. Martín-Barbero explica assim o contexto da segunda metade do século XX:

Las rupturas que a fines de los años '70 empiezan a dibujar no son meras rupturas teóricas, son más bien las huellas que en el espacio del quehacer teórico y metodológico están dejando ciertos desplazamientos em lo social y lo político. (MARTÍN-BARBERO, 2002, p.109)

Essa perspectiva teórica, atualmente, não está mais centrada no eixo anglo-saxônico, já que está descentralizada geograficamente e com múltiplas utilizações teóricas. Na América Latina, os autores mais importantes que se apropriaram dos Estudos Culturais foram Canclini e Martín-Barbero. Os estudos culturais terminam com a noção que a mídia influencia diretamente a vida dos consumidores, assim como faz a relação entre cultura e ideologia, partindo da análise da cultura popular e da construção de identidades culturais contemporâneas mediadas pelos meios de comunicação. Parte-se, assim, do pressuposto que a comunicação de massa está integrada ao cotidiano das pessoas, participando da vida diária e dando sentido à vida social.

Escosteguy (2004) afirma que a "globalização" desse movimento teórico-político não significa que exista uma metodologia única ou que haja um corpo fixo de conceitos. Para ela, não é válido o uso de determinados conceitos sem a adaptação à conjuntura regional ou nacional.

Foi com obras britânicas escritas por Hoggart, Williams e Thompson na década de 1950 que os Estudos Culturais começaram a se delinear. É importante salientar a perspectiva, especialmente a do primeiro autor citado, de que no âmbito popular não há



somente submissão e sim resistência. Foi, então, com a mudança na concepção de cultura que os Estudos Culturais puderam se desenvolver.

Conceitos de teóricos marxistas, como o de hegemonia do italiano Gramsci, foram utilizados pelos Estudos Culturais, em especial a partir dos anos 1970. Deve-se analisar com atenção o que há nos Estudos Culturais da obra de Karl Marx, ou seja, quais as colaborações marxistas utilizadas. Para Johnson (2005), Gramsci foi o primeiro investigador marxista a considerar a cultura das classes populares como um objeto não só de análise, mas como prática política. Escosteguy (2004) diz que é importante estudar Gramsci e o conceito de hegemonia para entender como as mudanças ocorrem dentro do sistema vigente.

O jamaicano Stuart Hall criou um modelo analítico que deslocou o foco do texto para a audiência. Esse modelo, publicado em 1973, foi apresentado no ensaio "Codificação/Decodificação". De acordo com o modelo, o processo da comunicação televisiva é dividido em quatro partes que se intercalam, embora tenham características específicas: produção, circulação, distribuição/consumo e reprodução. Escosteguy e Nilda (p. 40, 2005) avaliam o modelo da seguinte maneira:

No que tange especificamente à codificação (um dos momentos da produção), toma em consideração tanto a imagem que o meio faz do receptor, quanto os códigos profissionais dos produtores. Quanto à decodificação (o modelo de consumo/recepção), a análise proposta por Hall contempla três estratégias básicas de leitura/recepção: dominante, quando o sentido da mensagem é decodificado segundo as referências de sua construção; oposicional, quando o receptor entende a proposta dominante da mensagem mas a interpreta seguindo uma estrutura de referência alternativa, isto é, outra visão de mundo; negociada, quando o sentido da mensagem entra "em negociação" com as condições particulares dos receptores, compondo-se de um misto de lógicas contraditórias que contém tanto os valores dominantes quanto os argumentos de refutação.

O modelo de Hall foi utilizado e reavaliado. Mais tarde, surge uma linha de investigação denominada etnografia da recepção. O desenvolvimento da investigação sobre a recepção midiática, relacionada aos estudos culturais, foi diverso. O objetivo principal das pesquisas foi a análise com enfoque nas culturas de determinadas comunidades, distanciando-se do estudo dos meios e de seus conteúdos.

Richard Johnson afirma que a definição dos Estudos Culturais como uma disciplina metodológica vai de encontro às características de versatilidade teórica, até mesmo



porque acredita que separar conhecimentos diversos em determinadas disciplinas não significa uma apreensão plena da complexidade de suas análises. Para ele, "qualquer tentativa de codificá-los pode paralisar suas reações" (JOHNSON, 2005, p.10). O investigador afirma que os Estudos Culturais podem ser observados em diversos pontos, como uma tradição intelectual e política; ou através das relações com outras disciplinas acadêmicas ou campos, como o da História, ou ainda por seus objetos de estudo em si.

Para Escosteguy (2004), os Estudos Culturais não se caracterizam como uma disciplina, já que busca construir um campo de estudos que vá além dos limites de uma disciplina, propondo uma colaboração entre elas com um objetivo em comum: estudar os aspectos culturais da sociedade contemporânea. Assim, afirma-se que os Estudos Culturais é um campo de cruzamento de diversas disciplinas, discutindo-se as formas culturais das classes populares:

Para os estudos culturais, portanto, a pesquisa de comunicação não é a que focaliza estritamente os meios, mas a que se dá no espaço de um circuito composto pela produção, circulação e consumo da cultura midiática. Poderíamos resumir que os estudos culturais estão interessados nas relações entre textos, grupos sociais e contextos ou ainda, em termos mais genéricos, entre práticas simbólicas e estruturas de poder. (ESCOSTEGUY et NILDA, p.39, 2005)

No final dos anos 1960, a teoria da dependência, que pensava os efeitos da industrialização nos países periféricos, pretendia explicar os efeitos sociais e políticos, além dos econômicos, das mudanças que aconteciam nas últimas décadas na América Latina. A partir da década de 1980 há uma mudança nos estudos da comunicação, causando modificações metodológicas e teóricas. Há, então, o enfoque nos estudos da comunicação e cultura, especialmente com o abandono do marxismo ortodoxo e com a adoção do marxismo com corte gramsciano.

Os modelos importados, especialmente da Europa e Estados Unidos da América, não serviam mais às peculiaridades latino-americanas. Acredita-se que as teorias do campo das humanas e sociais nunca fizeram seu papel de explicar a formação de sentidos e o processo comunicacional da região da América do Sul. Há, a partir da década de 1980, um amadurecimento investigativo e uma apropriação, levando-se em conta os regionalismos, de teorias existentes. Assim, a renovação teórica buscou pensar as conexões entre os meios e os sujeitos, identificando as experiências culturais e sociais. O processo histórico da América Latina foi importante para essa constatação da



insuficiência de outros modelos importados, visto que nesse contexto há a democratização de diversos países que enfrentavam ditaduras e regimes fechados. Fato importante, também, é a ação dos movimentos sociais tanto na luta contra a ditadura, quanto na reivindicação de novos modos de viver e de pensar.

No Brasil, a produção acadêmica se intensifica na década de 1970, quando os primeiros cursos de pós-graduação foram implantados, entretanto são poucos os pesquisadores que investigam as práticas de recepção. Diferente de outros países da América do Sul, o Brasil não teve inicialmente um grupo de estudos da recepção com projetos integrados, pois foram atuações dispersas que inicialmente marcaram a produção científica. Na década de 1990 esse parâmetro mudou, visto que dois projetos importantes foram criados. Um deles é a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares (INTERCOM) e o outro é a Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS). Ambos fóruns foram importantes para compilar as investigações, legitimar espaços e propor intervenções no estudo da recepção no Brasil.

História do Tempo Presente e a *Nouvelle Histoire*

Atualmente os Estudos Culturais são utilizados especialmente pelos pesquisadores da História do Tempo Presente. Eles trabalham com a transdisciplinaridade, além de ter o norte de sua investigação permeado pela história guiada por problemas. É uma contestação à História Política do século XIX e também à história das grandes estruturas, onde os agentes históricos não teriam ação, visto que estariam presos ao sistema. Eric Hobsbawm, que relutou por anos escrever sobre o tempo histórico em que estava inserido, vem analisando na última década o historiador como construtor do conhecimento histórico no tempo próximo ou presente⁴. O autor afirma que "toda história é história contemporânea disfarçada. Como todos sabem, existe algo de verdade nisso." (HOBSBAWM, 1997, p.243) Entretanto, a utilização do presente próximo como tempo histórico de análise não é uma demanda contemporânea à construção deste artigo.

⁴ Hobsbawm escreveu, em 1998, a introdução do livro intitulado "Sobre História", onde levantada aspectos do tempo próximo na análise do historiador, entretanto, foi com "Globalização, Democracia e Terrorismo", lançado dez anos depois, que o inglês trabalhou com a política internacional da atualidade.



No contexto vanguardista das primeiras décadas da segunda metade do século XX, houve a renovação temática e das fontes no campo das humanas. Os historiadores do político, após a ampliação do conceito, foram vanguardistas da história do presente. As atitudes desses estudiosos foram respostas ao contexto social da época, que tinha uma demanda social, como a pressão jornalística, solicitante de novas reflexões que respondessem aos conflitos.

A narrativa descritiva, ou seja, a tradicional difere, portanto, da narrativa que envolve análise. A história de um personagem, como um político que, juntamente com seus apoiadores, desenvolveu algum ato, mereceria, na antiga narração, mais atenção do que as circunstâncias que envolviam a conjuntura de sua época. No século XIX, a história era construída, então, a partir de personalidades, majoritariamente masculinos, preocupando-se com o particular. Assim, o retorno da História Política não acompanha restritamente os elementos utilizados no século XIX. Nesta volta, busca-se aliar o evento com a estrutura, além de relacionar o indivíduo com o coletivo, a micro com a macro-história, não focando somente no fato ou no ocorrido, como na cientificidade que se buscava no primeiro momento de estudo da história política.

Dois pesquisadores franceses, Marc Bloch e Lucien Febvre, de acordo com Burke (1991), fizeram a revolução francesa na historiografia. Nas décadas de 1910 e 1920 os dois jovens acreditavam que a história política apresentava pobreza nas análises, principalmente por focar o acontecimento e o evento. Para eles, o epifenômeno seria provido de frivolidade histórica. Uma das principais críticas dos fundadores da Escola de Annales que era a de que a história, focando o fato político a partir da análise das fontes encontradas em arquivos, como os documentos, estava disseminando especialmente o caráter oficioso da história.

A Escola dos Annales, pelo exemplo de como havia sendo construída a história política do século XIX, ou seja, priorizando os personagens, as guerras e os fatos isolados, deu ênfase à transformação na abordagem histórica. As relações complexas não poderiam reduzir-se a um “pálido reflexo de jogos de poder, ou de maneiras de sentir, pensar e agir dos poderosos do momento”. (BURKE, 1991, p.7). Assim, houve a substituição da tradicional narrativa de acontecimentos por uma história interdisciplinar orientada por problemas.

As gerações da Escola dos Annales, assim, expandiram o campo da história por diversas áreas, tornando-a interdisciplinar ao utilizar novas fontes, temáticas e métodos. A interdisciplinaridade com a história é justificado quando pensamos que, como



Martín-Barbero (2002), deve-se utilizar o pensamento histórico na comunicação ao transcender a história dos meios. Acredita-se que a interdisciplinaridade é fundamental para a história dos processos culturais enquanto articuladores de práticas comunicativas no meio social.

Essas novas problemáticas fizeram com que os pesquisadores começassem a pensar uma “história vista de baixo”, ou seja, investigaram, a partir de então, as minorias e as classes populares. Outro objeto de pesquisa recorrente foi o estudo do cotidiano. Aliar o estudo do micro, ou seja, de uma recepção de audiovisuais, com o macro, ou seja, o porquê do receptor agir ou não agir de uma maneira, é primordial na pesquisa de recepção. Relacionar, assim, os Estudos Culturais, a recepção, as contribuições de problemáticas e a renovação de fontes da *Nouvelle Histoire* com a metodologia etnográfica são os objetivos da nossa pesquisa.

Cabe-nos utilizar os Estudos Culturais no estudo do tempo presente, pois ela propõe a interdisciplinaridade e transdisciplinaridade ao aceitar o limite da própria perspectiva teórica. No estudo da representação da identidade dos Sem-terra em audiovisuais, é importante o estudo do contexto, assim como pesquisar as estruturas profundas que subjazem os fenômenos. Ao historicizarmos o processo, o meio ou a cultura, não devemos olhar o passado com viés idealizado, ou seja, não devemos confundir memória⁵ com a fidelidade ao passado. Em uma perspectiva histórica dos estudos culturais, Escosteguy (2001, p.112) afirma que Martín-Barbero analisa o popular dentro do seu cotidiano e nas suas práticas culturais:

A noção de popular a partir do olhar dos estudos culturais não se refere diretamente às mercadorias produzidas pelas indústrias culturais, muito menos refere-se às tradições folclóricas. Ao invés, o popular refere-se a uma visão específica da relação entre povo e poder, a uma visão de onde e como o poder está localizado na vida das pessoas.

As práticas comunicativas com os movimentos sociais relacionam-se com os Estudos Culturais, pois se assume um determinado lugar para a própria recuperação da memória e da experiência de um movimento popular. Pensa-se isso, ao aliar a incorporação da dimensão histórica e comunicacional nesta pesquisa, especialmente, no

⁵ De acordo com Le Goff (2003, p.419), em *História e Memória*, “a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.”



contexto da indústria cultural que acaba exercendo uma forte desvalorização do nacional. Assim, “há uma revitalização do local, uma emergência de relatos e imagens que revelam a diversidade das culturas locais. ” (ESCOSTEGUY, 2001, p.163)

O conceito de identidade que utilizamos é o de Escosteguy⁶, influenciado por Stuart Hall, trabalhando com a questão da identidade como um produto social. A partir dessa análise, a problematização ocorre quando as identidades são identificadas como passíveis de mudanças e inovações. Essa modificação é uma construção da própria modernidade, distanciando-se da categorização da identidade como essencialismo, ou seja, a inerência dos pertencentes de uma comunidade que está relacionada à noção de continuidade histórica. A identidade, assim, não tem consistência fora das construções históricas em que foi inserida, sendo uma narração que influencia o comportamento, logo, a cultura. É subjetiva e envolve um narrar-se para constituir-se como identidade.

A cultura é distinta da identidade, sendo que a última não necessita de algum território para se desenvolver, já a cultura sim. A partir do conceito de cultura apresentado por Canclini⁷, a mesma torna-se, também, um processo social. Para Bourdieu, a cultura é vista como uma instância simbólica da produção e reprodução da sociedade. A cultura seria, assim, reprodutora, relacionada à sociedade, mas não sendo a mesma. Já para Gramsci, a cultura confirma o consenso e a hegemonia. É importante fazer o debate desses conceitos, aqui meramente apresentados, para pretendermos a investigação profunda sobre o MST e o uso de audiovisuais como forma de representação de identidades. São modos de auto-representação e de representar aos outros em relações de diferenças e desigualdades, a partir da utilização de recursos simbólicos e seus diversos modos de organização.

No Brasil, país que enfrentou décadas um governo ditatorial, há a noção de que houve uma acentuação da redução da participação social, da mobilização e da cooperação coletiva. A eficácia dos movimentos sociais depende da sua organização dentro do espaço público. Não só nas formas tradicionais de comunicação, como a oralidade e a panfletagem, assim como a atuação nas redes massivas.

⁶ Para a estudiosa, "a identidade é uma busca permanente, está em constante construção, trava relações com o presente e com o passado, tem história e, por isso mesmo, não pode ser fixa, determinada num ponto para sempre, implica movimento. " (ESCOSTEGUY, 2001, p.142)

⁷ Para Canclini (2004, p.34): "la cultura abarca el conjunto de los procesos sociales de significación, o, de un modo más complejo, la cultura abarca el conjunto de procesos sociales de producción, circulación y consumo de la significación em la vida social."



Focando sua análise na questão do popular e perguntando-se o que a sociedade faz com os meios, Martín-Barbero (2009, p.113) afirma que “se antes uma concepção fatalista e mecânica da dominação fazia da classe dominada um ser passivo, (...) a tendência será atribuir-lhe (...) uma capacidade de impugnação ilimitada, uma alternatividade metafísica. ” Assim, não existe mais espaço para a concepção de que há, necessariamente, uma cultura hegemônica que domina e outra cultura subalterna que resiste. Para o pesquisador mexicano, deve-se criar um “mapa noturno”, levando em consideração as matrizes, como classe e território, operações, como refuncionalização, espaços, como hábitat e meios, como rádio ou TV. Os estudos culturais, em especial a análise de Martín-Barbero, deve investigar a partir da cultura as mediações, e essa é uma grande inovação nos estudos de recepção, entender as brechas do consumo e do prazer como dominação.

O uso de fontes novas, como o audiovisual, a imagem e o som, abre o debate sobre a hierarquia presente, especialmente nas décadas passadas, entre as próprias fontes, onde uma ou outra seria mais válida para a construção do pensamento histórico. Pretendemos trabalhar a partir da noção de novos problemas e de métodos que necessitam a renovação de fontes. A interdisciplinaridade disponibilizada pela História do Tempo Presente somente tem a contribuir para o estudo da comunicação.

Objeto de pesquisa: consumo, recepção, etnografia

Stuart Hall trouxe aos Estudos Culturais a utilização da etnografia, análise dos meios massivos, assim como de subculturas inseridas no contexto de resistência. Ele é atualmente um dos autores dos *Cultural Studies* mais lidos. Os Estudos Culturais deixam de lado o funcionalismo estrutural norte-americano, pois o mesmo não consegue responder como os produtos da cultura popular e dos *mass media* expressavam os rumos da cultura contemporânea. Assim, a pesquisa tornou-se mais qualitativa, onde:

A escolha por trabalhar etnograficamente deve-se ao fato de que o interesse incide nos valores e sentidos vividos. O estudo etnográfico acentua a importância dos modos pelos quais os atores sociais definem, por si mesmos, as condições em que vivem. Escosteguy (2004, p.143)



Para trabalhar com etnografia, ou seja, a prática da representação dos outros, Johnson (2004) tem como lição primeira o reconhecimento de diferenças culturais importantes, em especial aquelas que as relações de poder e a desigualdade estejam em jogo. Pretende-se analisar o popular dentro da esfera das representações sociais e práticas políticas dos chamados grupos subalternos, especialmente no que tange a identidade dentro de um movimento social que tem a reforma agrária como um dos aspectos de defesa do seu projeto social para o país. A etnografia “é a tentativa de entender outros modos de vida usando a subjetividade do pesquisador e sua confrontação com o “diferente”, como instrumento principal de conhecimento.” (FONSECA, p.13, 2006). Assim, pretende-se fazer uma etnografia de grupos populares localizados no assentamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra Carlos Marighela, localizado na zona rural da cidade de Santa Maria, RS.

A etnografia como olhar investigativo no MST já foi utilizada por antropólogos e outros pesquisadores. Canto (2006, p.28) estudou como “os diferentes atores da luta pela terra no Brasil constroem representações de si e do outro, e pretendem firmar sua veracidade ante a sociedade, a partir de posições sociais intrinsecamente desiguais.” Assim, a utilização da etnografia num movimento social, especialmente nessa investigação, focada na recepção da comunicação, é corroborada como um ponto forte visto que a pesquisa se dará dentro dos espaços privados, com famílias ligadas diretamente ao MST.

Para os analistas da recepção, os receptores são indivíduos que fazem diversas coisas com os meios de comunicação, desde o consumo a uma ação social direta. Até aqui, há uma aproximação dos estudos da recepção com a perspectiva dos usos e das gratificações, entretanto, a recepção distancia-se dessa teoria ao dar maior ênfase à mensagem e à utilização de métodos empíricos, qualitativos e interpretativos.

Os estudos de recepção podem ser utilizados de diversas formas, dos estudos de caráter sociológico ou literário. Os Estudos Culturais analisam de forma interpretativa a recepção dos meios de comunicação, em especial os de massa. Eles buscam refletir sobre os fatores extra-textuais, levando em conta o discurso literário, assim como os da mídia, levando em consideração os aspectos conjunturais das práticas sociais e culturais. O pesquisador tem importância grande, visto que deve estar atento à busca das formas culturais para investigar a estrutura social e a subjetividade, dando atenção ao discurso socialmente situado:



Por sua vez, estas comunidades são constituídas e caracterizadas por gênero, etnicidade e subculturas que acabam de alguma forma alimentando a mídia e muitas vezes desafiando sua construção da realidade; assim o foco da análise deve recair no discurso mais amplo da cultura do que propriamente no discurso da mídia ou apenas do receptor empírico. (ESCOSTEGUY et JACKS, 2005, p.45)

Um dos problemas metodológicos dessa perspectiva é a dificuldade e até mesmo a impossibilidade de generalizações, já que trabalha com amostras que representam determinada população. Entretanto, essa ênfase metodológica desafia vários pressupostos do estruturalismo e da semiologia, especialmente com as contribuições de Stuart Hall. Escosteguy e Jacks (2005, p.48) afirmam que o estudo da mídia, especialmente a partir dos anos 1980, tem utilizado o modelo de Hall de codificação/decodificação e levado em conta as diversas leituras e interpretações das mensagens dos meios, sendo que "para ele, os comunicadores codificam as mensagens com propósitos ideológicos, manipulando os meios e a linguagem com este fim. "

Ao longo da pesquisa, pretende-se analisar a identidade e luta de classes, assim como a própria etnografia relacionada à noção de classe social. A partir da leitura de obras marxistas, pretende-se partir para os novos estudos de classe, ou seja, estudar como está se trabalhando o conceito de classe nas pesquisas da comunicação. Dois exemplos são Ralph Miliband e Immanuel Wallerstein.

Referências

BALIBAR, Etienne e WALLERSTEIN, Immanuel. **Race-nation-class. Ambiguous identities.** Paris: Éditions La Découverte, 1991.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular:** história e imagem. Bauru: EDUSC, 2004.

_____ **A comunicação na história.** In: HERSCHMANN, Micael e RIBEIRO, Ana Paula Goulart (orgs). **Comunicação e história:** interfaces e novas abordagens. Rio de Janeiro: Globo Universidade, 2008. P.61-8

GARCIA CANCLINI, Nestor. **Diferentes, desiguales y desconectados.** - Mapas de interculturalidad. México: Gedisa Editorial, 2004.



CANTO, Nilo. **Identidade e Imaginário**: a discursividade no MST. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. 2006.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina, JACKS, Nilda. **Comunicação e recepção**. São Paulo: Hacker Editores, 2005 .

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Estudos Culturais**: uma introdução. In: **SILVIA, Tadeu da (org.)**. O que é, afinal, Estudos Culturais? Editora Autêntica: Belo Horizonte, 2004. p.135-166

_____. **Cartografias dos Estudos Culturais**: Uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FONSECA, Claudia. **Classe e a Recusa etnográfica**. In: BRISTES, Jurema e FONSECA, Claudia (orgs). **Etnografias da participação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, Brasília: UNESCO, 2003.

HOBBSAWN, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

JOHNSON, Richard. **O que é, afinal, Estudos Culturais?** In: SILVIA, Tadeu da (org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Editora Autêntica: Belo Horizonte, 2005. p.9-131

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: UNICAMP, 2003.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos Meios às Mediações**: Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

_____. **Oficio de cartógrafo**. Travesías latinoamericanas de La comunicación en la cultura. Santiago do Chile. Fondo de Cultura Económica, 2002.

MILIBAND, Ralph. **Análisis de Clases**. In: Giddens, Turner et al. **La teoría social, hoy**. Madrid: Alianza Editorial, 1990.

MURDOCK, Graham. **Comunicação contemporânea e questões de classe**. Revista Matrizes. v.2, n. 2, p. 31-55, set. 2009.